

**HEMETÉRIO JOSÉ DOS SANTOS  
O DEMOLIDOR DE PRECONCEITOS<sup>6</sup>**

*Antônio Martins de Araújo (UFRJ/ABF)*

Nascido em berço pobre, sabe-se lá quanto sofrimento e quanto preconceito ele teve de romper para chegar ao ponto que chegou. É, pois, com indisfarçável saudade que ele fala da infância. Foi condiscípulo no Colégio da Imaculada, na capital maranhense, daquele que seria o futuro senador Benedito Leite. Aí foram discípulos dos padres Castro, Fonseca e Purificação. Também não regateia admiração e respeito pela geração que à dele antecedeu. Nada como suas próprias palavras para dizer dessa saudade e dessa admiração;

É verdade que se passara o tempo da coorte guiada pelo espírito doutrinador de Sotero, mas o clarão da obra fecundada do filólogo, inda estava perto, não bruxuleava mortiça e apagada, como hoje.

A cultura anterior fora pingue e farta, e por isso as socas verdadejavam então, prometendo frutos que vieram, e daí chorosos se retiraram em bandos, acompanhando as grandes levas de trabalhadores servis, que se venderam, e profundamente despovoaram, arruinando a terra de seu nascimento.

Para que não subsista nenhuma dúvida a respeito do texto, o termo socas, que significa folhas de variada vegetação, está metaforicamente usado; trabalhadores servis são os termos que eufemisticamente se empregavam em lugar de escravos; e se venderam está mesmo na voz passiva analítica, em lugar de foram vendidos. A lei do *Ventre Livre*, ao mesmo tempo em que iniciava a marcha em direção da gradativa abolição da escravatura, também inscreveria nas páginas de nossa história o início da diáspora maranhense por estes brasis. Mais uma vez, ouçamo-lo:

Uns procuraram o sul, Rio de Janeiro e São Paulo, com especialidade, e se acomodaram no funcionalismo público, no magistério, na imprensa e na literatura ligeira, e outros, os mais fortes e audazes, se nortearam pelo Pará e Amazonas, e buscaram, no comércio e nas empresas particulares, dignificar a instrução que haviam adquirido nas escolas da nossa amada província.

---

<sup>6</sup> Uma outra versão desse artigo foi publicada recentemente, com sete ilustrações fotográficas, como “informe publicitário” no jornal *O Imparcial*, de São Luís (MA), constituindo a página 5 daquele periódico, no sábado, dia 19 de maio de 2001. (Nota do ed.)

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Eram o escol da juventude culta, que acompanhava os trabalhadores da lavoura que, triste e algemados, ignominiosamente se vendiam, porque o ventre humano deixara de produzir escravos.

E assim veio ter à corte o mestre negro maranhense, para ensinar seu saber e demolir preconceitos. Na dedicatória daquela carta pode-se imaginar, na citação dos versos de G. Dias, a dor da separação: “Ao meu Maranhão, / Que não cessei de querer-te / Pesar do quanto sofri.”

Embora tenha vindo da província, onde imperava o cânone clássico e lusitano, Hemetério encontraria a corte em instante de grandes mudanças nas letras. Já em 1878, Pacheco da Silva Junior iniciara seus coevos no comparativismo dos neogramáticos com sua pioneira Gramática história da língua portuguesa. Os anos 80, em cujo início, Hemetério publicou nesta cidade sua primeira obra pedagógica - uma antologia de textos seus para a infância, há muita novidade no meio filológico brasileiro. O mineiro de Sabará, santista adotivo, Júlio César Ribeiro, dá uma guinada atualizadora em 1881, com sua Grammatica portugueza, que declaradamente deixa de ser prescritiva para ser apenas descritiva dos atos da comunicação, segundo a lição de William Dwight Whitney. O médico, advogado e filólogo sergipano, aqui radicado, Maximino Maciel, em 1887, publicaria sua Grammatica analytica, cuja 10ª ed. dataria de 1926. E o século começa a encerrar-se com a publicação, em 1890, dos clássicos Seroões gramaticais, do mestre baiano Ernesto Carneiro Ribeiro.

Sepultando a fase empírica, Júlio Ribeiro, com sua gramática, iniciara em Santos aquilo que Antenor Nascentes chamaria de período gramatical.

Fruto de longo tirocínio no ensino do idioma, duas obras se destacam em sua bagagem filológica: a antologia de que se falou há pouco, e duas gramáticas, um primária (com duas edições) e uma secundária (com três). Para aquela primeira obra aqui publicada e dirigida à infância, Hemetério redigiu cerca de duas dezenas e meia de textos curtos e nível elementar, recontando lendas brasileiras; falando de história, geografia e artes; como a dança; ensinando noções de moral e higiene; explicando fenômenos meteorológicos e os novos inventos, como o aeróstato; apresentando grandes nomes de nossa história, como Caxias, Osório, o visconde do Rio Branco, Betencourt da Silva e Cândido Mendes de Almeida; enfim, que se deve respeito

e admiração às mulheres e que se deve amar a Deus acima de tudo

A terceira edição aumentada de sua Gramática portuguesa para o segundo grau assume uma posição corajosa contra os partidários daquilo a que ele chama de reforma da pseudo-ortografia etimológica (era adepto da sônica e analógica) e aconselha os leitores a entendê-lo melhor consultando a gramática latina de Guardia e o dicionário etimológico de Michel Breal, duas de suas confessadas fontes.

A disposição e organicidade dos assuntos tratados nas três partes em que se divide sua gramática revelam-no a par dos avanços nessa matéria, aos quais empresta sua contribuição, a saber:

1. Com propriedade, destaca a Fonética, em que estuda o mecanismo articulatório; enquanto na Fonologia estuda os elementos constitutivos dos vocábulos, o fonema. Nessa primeira parte da obra, estuda a ortografia e, na linha de Paulino de Brito (1907), o problema de fonética sintática da colocação dos pronomes átonos.

2. Na Morfologia (2.<sup>a</sup> parte), numa clara compreensão da solidariedade entre elementos comuns à morfologia e à sintaxe, chama as palavras de partes do discurso. Delas distingue a interjeição, a que chama de palavra particular.

3. No item de Campenomia, reúne o estudo das palavras invariáveis, as flexões nominais e verbais, os afixos, os tempos verbais, a formação das palavras. Em face do acréscimo do sentido aportado pelos prefixos aos radicais, chama de composição a esse processo de formação das palavras.

4. Na Sintaxe, 3.<sup>a</sup> parte, além de estudar a estrutura do período, inclui aí a concordância e a metrificação.

4. Enfim, com a inserção de textos literários, a partir da segunda edição da obra, visava à aplicação dos conceitos gramaticais na contraparte concreta da norma literária da língua escrita.

Por tudo isso, o mais reeditado gramático daquela época, Maximino Maciel, refere-se à obra nos seguintes termos:

É de imprescindível justiça confessarmos que, muito anteriormente às gramáticas de Alfredo Gomes, Pacheco e Lameira, e João Ribeiro, já havia Hemeterio dos Santos elaborado uma Grammatica elementar em que, nas suas linhas gerais, se esboçavam com segurança as novas doutrinas philológicas, applicadas á discencia do vernaculo.

Esse seu trabalho, hoje augmentado, refundido com o titulo

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

de Grammatica portugueza, publicado em 1907, constitui um dos nossos excelentes compendios de lingua portugueza, reflexo da erudição do autor da materia.

O sinete da negritude inspira-lhe a conferência Pretidão de amor pronunciada a 22/11/1905 no Grêmio das Senhoras, da cidade do Rio de Janeiro. Essa conferência também teve duas edições cariocas sucessivas, ambas da tipografia dos Anais, uma naquele ano, outra no seguinte. Na platéia repleta de senhoras, uma amostra da inteligência brasileira daquele tempo: Medeiros e Albuquerque, Manuel Bonfim, Nestor Victor, Pedro Couto, Gustavo Santiago, Goulart de Andrade, Floriano de Brito, Curvelo de Mendonça e Maximino Maciel.

Na conferência, um passeio pelo tópicos da paixão entre pessoas e personagens de raças diferentes. Entre os nomes da história, Camões e Bárbara (“Esta é a cativa / Que me tem cativo; / E pois nela vivo, /E força que viva.”); Gregório de Matos e as moças pardas baianas Teresa e Maraquitã; Domingos Caldas Barbosa e suas fãns brancas dos saraus lusitanos; Gonçalves Dias e a maranhense branca, cuja mão lhe fora negada – Ana Amélia do Vale; e o casal perfeito Gonçalves Crespo e Maria Amália Vaz de Carvalho. Repare-se; tácita ou explícita, clara ou simplesmente insinuada, uma paixão a cada século, a que faltou o de Machado.

Na arte, a do escudeiro branco com a moça pretezinha (e não pretazinha) do Juiz da Beira, de Gil Vicente; bem como a citação recorrente da paixão suscitada por Sulamita a Salomão, na pena de vários escritores. O fio condutor da conferência para tantas senhoras, o que é de admirar para aqueles dias comportados, é a afirmação do orador de que o amor exigia o contacto de todos os cinco sentidos das pessoas amantes: audição, visão, tato, olfato e paladar.

Ao fim e ao cabo destas considerações pode-se concluir que, por maior que tenha sido, como foi, o legado deixado pelos herdeiros de João de Barros que foram feitos patronos da Academia Brasileira de Filologia, os maranhenses que somos seus continuadores naquele sodalício ainda não demos conta de resgatar a dívida intelectual que temos para com aquele gramático e humanista português. Entre os quatro patronos cuja obra parcialmente aqui foi examinada, cada uma por um viés diferente, é mister reconhecer que nosso último biografo, o negro e maranhense Hemetério José dos Santos, mercê

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

de sua respeitável cultura humanística e filológica, demolindo preconceitos arraigados, dignificou a negritude que seus pais lhe legaram, honrou o berço pátrio onde viu nascerem seus primeiros dias; e escancarou seu coração para a verdade, para o amor e para a liberdade.

Esses, os quatro patronos maranhenses (um quase), herdeiros putativos do malgrado e ilustre donatário e humanista português João de Barros, na Academia Brasileira de Filologia. Outros maranhenses ilustres têm exornado o sodalício com sua participação: Ruy Ribeiro de Almeida, que dirigiu a Revista Filológica e chegou a sua presidência, bem como um dos maiores estilicistas brasileiros, senão o mais importante, Jesus Belo Galvão. A eles retornaremos no momento oportuno.

Franco de Sá já contava dezessete anos quando Hemetério veio ao mundo.